

Cap. 12 A vida intelectual e o ideal de felicidade em Aristóteles

Ramiro Marques

No livro VII de *A Política*, Aristóteles coloca a pergunta essencial do ponto de vista da filosofia moral da Grécia clássica: qual é o tipo de vida mais desejável? A *eudaimonia* (1) era inseparável da noção de vida boa, ou seja, de uma vida realizada em termos de excelência e de virtude. A virtude e a felicidade não podem existir de forma separada: a posse de uma pressupõe a posse da outra. É por isso que o estagirita afirma que as crianças e os ignorantes não podem aspirar à verdadeira *eudaimonia*, a qual exige o cumprimento, de forma excelente, da função culminante da espécie humana: a construção do conhecimento, o uso da inteligência criativa, em suma, o uso da razão. As crianças e os ignorantes podem “sentir-se bem”, “estarem contentes”, mas isso não é o mesmo que felicidade. A felicidade exige a realização pessoal, o cumprimento excelente da nossa função e, por definição, as crianças e os ignorantes estão fora dessa possibilidade. Sendo o homem inseparável da *polis*, na medida em que a integração numa determinada cultura comunitária é condição *sine qua non* da realização pessoal, a *eudaimonia* individual não pode cumprir-se fora da *eudaimonia* do Estado. Esta questão não foi totalmente resolvida por Aristóteles. De uma certa forma, o filósofo parece querer afirmar a impossibilidade da *eudaimonia* individual num estado vicioso. No entanto, essa tese choca com a realidade, na medida em que há pessoas que conseguiram atingir uma elevada realização pessoal e criativa, mesmo no seio de estados corruptos e desviantes.

Aristóteles procura saber qual é o melhor tipo de vida, aquele que mais se aproxima da excelência e, portanto, da virtude e da felicidade: a vida dedicada aos assuntos públicos ou à construção do conhecimento? Embora a vida dedicada aos negócios do Estado, caso seja realizada com perfeição e excelência, possa conduzir à

eudaimonia, é a vida dedicada ao estudo e à inteligência criativa que melhor expressa a função culminante do homem. Entenda-se por felicidade não um estado de euforia passageira, ou a manifestação de sentimentos de alegria e de prazer, mas sim algo mais permanente: um estado que expressa uma actividade duradoura. Podemos traçar um paralelo entre a saúde e a felicidade. Embora esta pressuponha a posse daquela, na medida em que não se pode ser feliz na doença, trata-se de duas realidades distintas. A saúde é, em grande medida, independente da nossa vontade e da nossa inteligência e sabedoria. A *eudaimonia* constrói-se; resulta da aprendizagem, do uso da inteligência criativa, embora a sorte possa ajudar a adquiri-la. Desde logo a sorte de se ter nascido excepcionalmente inteligente e criativo.

A felicidade pressupõe o desempenho excelente da nossa função, tal como a saúde é o resultado de um bom funcionamento dos nossos órgãos. O carácter único dos seres humanos reside no uso da inteligência criativa, tanto na construção do conhecimento como no governo da conduta (2). É essa a razão que leva Aristóteles a associar a *eudaimonia* a uma vida dedicada ao estudo e à inteligência criativa, no sentido de que os artistas e os cientistas que criam obras excelentes são semelhantes aos deuses. Uns e outros são capazes de criar a perfeição. Embora esta tese seja esteticamente brilhante, a realidade parece desmenti-la. A História regista a existência de artistas excelentes e cientistas extraordinários que tiveram vidas infelizes. Van Gogh é apenas um exemplo. Aristóteles diria que, apesar do infortúnio, Van Gogh atingiu a *eudaimonia*, na medida em que realizou, de forma excelente, a sua função, pintando telas dignas dos deuses. Nesse sentido, teve uma vida feliz.

Notas

- 1) Traduzir *eudaimonia* por felicidade é empobrecer o conceito, embora não me ocorra melhor palavra. A *eudaimonia* grega

significava, em sentido literal, ter um bom demônio dentro de si. Se considerarmos a felicidade como um estado caracterizado pela realização pessoal, em ordem à excelência, talvez nos possamos aproximar da riqueza semântica do termo *eudaimonia*.

- 2) Taylor, R. (2002) *Virtue Ethics. An Introduction*. Nova Iorque: Prometheus Books